

Opositores de ACM ocupam centro de Salvador

COLUNA DO ESTADÃO

Ariosto Teixeira

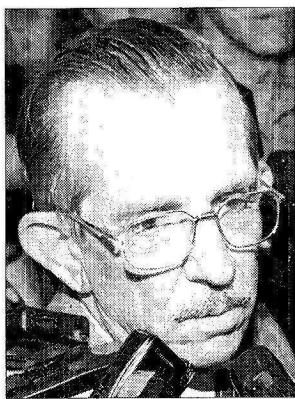
Economia sem apagão

O governo trabalha ontem com a hipótese concreta de racionar o consumo e economizar energia sem recorrer aos apagões nos centros urbanos. A probabilidade de adoção de um programa com esse perfil era, no início da noite, de praticamente 100%, segundo fontes oficiais.

Sensor - É possível, entretanto, que o plano a ser anunciado sexta-feira determine cortes de energia com sentido educativo. O objetivo é preparar o sistema elétrico para executar cortes e, especialmente, habilitar as empresas para que possam enfrentar eventuais situações de emergência.

A tendência é a adoção de um sistema de cotas de consumo para as empresas e as residências. A idéia é punir com corte de fornecimento quem ultrapassar a cota. A alternativa às contas seria o apagão. O programa exigirá campanha publicitária e uma mobilização inédita da sociedade.

As decisões em perspectiva têm base técnica e política. Do ponto de vista técnico, considera-se possível um programa de redução do consumo em torno de 20% sem necessidade de



Euclides Scalco:
sensibilidade política
antiapagão

cortes rasos de energia e suas consequências negativas. Do ponto de vista político, o governo empenderá todos os recursos disponíveis para evitar o transtorno dos apagões. A questão será enfrentada como a mais séria ameaça à estabilidade do governo e ao seu desempenho eleitoral em 2002.

A prioridade política atribuída ao assunto pelo presidente Fernando Henrique é representada, no grupo de gestão da crise de energia, por dois atores: o presidente brasileiro da Itaipu Binacional, Euclides Scalco, e o ministro da Casa Civil, Pedro Parente.

Scalco é o homem do presidente nos debates. Ex-deputado e ex-líder do PSDB, ele foi coordenador político da campanha da reeleição de Fernando Henrique. Trata-se, por conseguinte, de um sensor político do presidente que conhece os dois lados, o técnico e o do funcionamento do sistema político e social do País.

Parente tem outra função. É o ator com trânsito interno no governo, apto a negociar novos investimentos para aumentar a oferta de energia com atores como o ministro da Fazenda, Pedro Malan. Haverá, nessa matéria, uma grande e difícil negociação interna no governo. Mas isso depois de anunciado o programa de racionalização.

Expansão silenciosa

Não se materializaram até agora os prognósticos de um desmonte do Banespa depois da privatização. O silêncio sindical sobre o assunto tem base no que efetivamente está acontecendo depois que o comprador Santander assumiu o banco. Ao contrário de demissões em massa, o que impera é o programa de demissões voluntárias, com adesões que surpreenderam os novos donos.

Além disso, no lugar do "enxugamento", a marca Banespa se prepara para uma fase de grande expansão, com a abertura de cerca de 400 novos postos e agências em São Paulo, Minas e Rio de Janeiro. Com suas agências no Sul e a participação nos mercados de Chile, Argentina e Uruguai, os espanhóis do Santander podem dizer que o PIB do Cone Sul está dominado.

Pendências do futuro

Além da crise de energia, um problema do presente, outra preocupação está clara nos debates do Fórum Nacional, que tem reunido no Rio ministros, empresários, investidores, pesquisadores e alguns poucos políticos: como serão tratados, e por que tipo de governo, os assuntos não-conclusos até 2002? O secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda, Edward Amadeo, cita a reforma tributária e a CPMF como alguns dos temas centrais do próximo governo, seja ele uma continuidade do atual ou radicalmente diferente.

A agenda do sucessor

Autonomia do Banco Central, posição do Brasil na Alca e gastos sociais são outros temas que estarão na pauta mais imediata do sucessor do presidente Fernando Henrique Cardoso e definirão o cenário do País a partir de 2003. Uma constatação predominante entre empresários e investidores é a imprevisibilidade do futuro, diante de um quadro ainda muito indefinido sobre a sucessão presidencial, as alianças e os candidatos com reais chances de vitória. A dúvida vem acompanhada, naturalmente, de confessada inquietação.